

HUB pode ficar sem o Pronto-Socorro

Crise financeira do hospital atinge limite insustentável e a desativação ameaça também outros setores, como pré-natal e oncologia

Ana Paixão e
Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

A crise no Hospital Universitário de Brasília (HUB) chegou a um estado terminal: se não houver aumento urgente nas receitas, a direção vai começar a fechar setores inteiros da instituição na semana que vem. O ultimato foi dado pelo reitor da Universidade de Brasília (UnB), Lauro Morhy. “Chegamos ao nosso limite, a um nível financeiro insustentável”, adverte.

Morhy transmitiu o aviso a assessores dos ministérios da Saúde e Educação, com quem se reuniu ontem pela manhã e à tarde. “Temos uma semana para negociarmos uma solução que, pelo menos, coloque o HUB no mesmo nível de repasse de recursos existente nos demais hospitais da rede pública do Distrito Federal”, afirma o reitor. Depois desse prazo, caso permaneça o impasse, quatro setores do hospital universitário vão fechar: Pronto Socorro, Pré-natal, Oncologia e Odontologia.

O diretor do HUB, Elias Tavares, detalha o tamanho do rombo causado pela diferença entre as despesas e a receita oriunda do Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo ele, são necessários R\$ 1,25 milhão para cobrir os gastos mensais, bem menos que os R\$ 830 mil (em média) repassados pelo SUS.

O dinheiro é insuficiente para cobrir as 1.100 internações, 60 mil atendimentos e 35 mil exames complementares feitos mensalmente pela instituição. Apesar disso, os repasses do SUS ainda têm de pagar os salários de 705 servidores contratados pelo hospital.

Lauro Morhy conta que a situação vem se agravando desde outubro, quando foram cortados os repasses referentes aos chamados Procedimentos de Atenção Básica — que incluem atendimento pré-natal, odontológico e de clínica médica. Isso representa uma redução de R\$ 300 mil na receita da instituição, que presta serviços à comunidade e à formação de universitários das áreas de saúde.

Embora a solução do rombo dependa mais do governo federal e seus critérios de remuneração aos hospitais universitários, Morhy também tem o que negociar com os líderes do Palácio do Buriti. Ele quer reverter decisões tomadas no governo Cristovam Buarque — ex-

reitor da UnB — que teriam prejudicado o HUB.

“O governo do Distrito Federal reduziu o teto de repasses para o HUB, que ficou abaixo dos demais hospitais, e não paga pelas ações de alta complexidade, apesar de recebermos os casos mais graves de câncer”, queixa-se o reitor.

Outro ponto a ser negociado é a dívida de R\$ 3 milhões em contas não pagas de água e luz. Ainda em 1998, a Câmara Legislativa aprovou um projeto de lei isentando a UnB e o HUB dessas despesas. Cristovam não sancionou a lei, que acabou promulgada pela Mesa Diretora da Câmara. Apesar disso, as cobranças continuam chegando mensalmente à Reitoria. “Achamos razoável que a cidade, por meio do governo, pague a água e a luz do hospital que atende à comunidade”, diz o reitor. “Fazemos um apelo ao governador Joaquim Roriz para que cumpra a lei.”

A preocupação não se limita aos problemas presentes. Morhy tem a ambição de transformar o HUB em modelo para o país. Para isso, a direção do hospital entregou ao Ministério da Saúde um projeto de modernização da instituição. O projeto inclui pesquisa científica e melhoria nos programas de alta complexidade — como atendimento neurocirúrgico, modernização na hemodiálise e pesquisa genética.

O projeto foi uma das exigências feitas pelo ministério em troca de ajuda financeira. “O projeto já nos deixa mais animados, e as verbas podem vir a partir do próximo ano se forem resolvidos os obstáculos de ordem administrativa”, informa Benedito Nicotero Filho, coordenador do grupo executor de ação estratégica do Ministério da Saúde que acompanhou uma auditoria realizada no HUB em outubro passado.

O HUB tem um problema sério com contratação de funcionários. Atualmente, o hospital possui 670 prestadores de serviço, 450 funcionários do Ministério da Educação (MEC) e 604 funcionários do extinto Inamps. Os prestadores de serviço têm contratos irregulares. Os do Inamps se aposentam e não são substituídos. O Ministério da Saúde exige a regularização das contratações para ajudar o HUB.

Segundo Benedito Filho, o projeto apresentado pelo HUB para se modernizar e resolver as pendências administrativas precisa ser detalhado e complementado até abril. “Daí, poderemos incluir um pedido

Ronaldo de Oliveira



O Hospital Universitário enfrenta dificuldades para equilibrar suas despesas com a receita pagar os credores

de verbas federais no orçamento do ano que vem”, conclui. É um prazo elástico demais na opinião do reitor da UnB e do deputado federal Agnelo Queiroz (PC do B-DF), que também é médico e tem acompanhado de perto a situação do HUB.

Agnelo lembra que a bancada distrital no Congresso conseguiu

aprovar uma injeção de recursos adicionais em 1998 e 1999. “Ano passado, aprovamos R\$ 5 milhões. Mas o hospital só recebeu metade desse dinheiro. Com ele, foram feitas reformas emergenciais. Este ano, aprovamos R\$ 2 milhões. Mas é pouco dinheiro diante das necessidades.”

Benedito Nicotero Filho lembra que os investimentos federais estão condicionados às reformas pedidas pelo Ministério da Saúde, como regularização do quadro de funcionários. Para Queiroz, a condição é absurda. “É um ciclo vicioso: o HUB só recebe dinheiro se fizer as mudanças, mas, na situação

atual, não dá para fazer mudanças sem dinheiro.”

Para Agnelo Queiroz, a crise traz a ameaça de fechamento do hospital e pode representar o fim do vestibular para as áreas de saúde na UnB. “Se ele fechar, onde os alunos vão aprender? Em que hospitais serão treinados?”